

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--3 de Novembro-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**76**

sempre

**fi** **ve** *semanal*  
**fumorística**



N.º 2

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 45

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Um devoto de Nossa Senhora do Ar



**que vive do que morrem os aviadores**





## Os ditos da semana



O astrónomo Costa Lobo, apresentou as bases de uma Constituição da República. É um trabalho sólido e bem organizado que nem parece de um sábio que, pelo hábito de contar estrelas, costuma andar com a cabeça no ar.

Ha passagens da sua conferencia que nos deixam maravilhados. As referencias ás estradas, *que devem ser boas, aos orçamentos, que devem ser elaborados todos os anos, á administração pública, que deverá ter em vista evitar todos os atritos, etc.*, fazem-nos antever um futuro de bem-estar inefável e paradisiaco.

Mas ha mais e melhor. O astrónomo Costa Lobo, manda estabelecer cinemas e fonógrafos em todas as localidades. Os fonógrafos entendemos nós que serão, naturalmente, para reproduzir os seus discursos e conferencias, levando-os a todos os recantos do paiz e das colonias, mas aos cinemas não vemos nenhuma utilidade pratica nem educativa, porque, que nos conste, o astrónomo Costa Lobo ainda não faz fitas.

Tudo isto são ideias que só um grande espirito, matematicamente disciplinado, podia produzir, e a que a Patria agradecida terá de glorificar condignamente.

Para deleite e educação dos povos o astrónomo Costa Lobo, que manda quasi tanto como Deus Nosso Senhor nas coisas do ceu, obrigará o sol e a lua a dar eclipses totais todas as semanas, alternadamente, e fará com que o cometa de Haley visite o paiz todos os anos, porque não é justo que o maroto se faça esperar setenta e sete anos, como é seu costume, dando lugar a que muita gente nasça, viva e morra, sem ter ocasião de admirar tão maravilhoso espectáculo.

Só ha um ponto da sua conferencia com que o *Sempre Fixe* não pôde concordar: é estabelecer *assembleias gerais de freguezias*, constituídas por todos os cidadãos maiores de 21 anos. Que nos perdõe o sábio astrónomo, mas aquelas assembleias degenerariam fatalmente em assembleias gerais de pancadaria, e não é justo privar determinados pontos do paiz do exclusivo de que teem gosado.

De resto, o projecto é bom. Posto aquilo em pratica, e fixado o cambio, como preconisa, em 96\$00 no ano 2000, tudo caminhará ás mil maravilhas.

O poder da mathematica! O poder dos cerebros bem constituídos que até mandam nos

cometas! E mais não dizemos em obediência á maxima da sabedoria das nações que reza assim:

*Nunca te cometas onde não és chamado, porque dizes asneira pela certa.*



Lisboa vibrou de entusiasmo, na semana passada, porque a aviadora Ruth Elder caiu ao mar. Dantes, quando se dava um desastre destes, a gente sentia o coração contrangido e lamentava as victimas. Mas os tempos mudaram e já ninguém se comove com a desgraça alheia. Agora, quando uma mulher cai ao mar, é aclamada na praça publica. Se ela tivesse realiado o seu sonho, ou tivesse cometido a façanha a que se abalançara, talvez a tivessem apedrejado, e, quando a não apedrejassem, haviam de negar méritos ao seu cometimento, porque ha homens que se teem tornado celebres, apenas a dizer que os outros o não são. Mas Ruth Elder caiu ao mar e logo avultou como heroína de uma lenda fantastica, aos olhos espantados do indigena alfacinha.

—Ah! que extraordinaria mulher! Que portento! Uma mulher que quiz fazer uma viagem e a não fez! Uma mulher que se propunha andar pelo ceu e acabou por andar pelo mar, como os botes de Cacicilhas!

Mas então onde está a façanha? Segundo rezam as cronicas, Mrs. Ruth Elder, assim que viu as coisas mal paradas, pôz-se a dormir, porque o sono é bom conselheiro e porque sempre é mais agradável acordar morto, do que passar pelas agonias de morrer afogado, com conhecimento de causa.

E gemem os prelos de todo o mundo:

—Caiu ao mar... caiu ao mar...

E um radio do marido proclama aos quatro ventos:

—Eu sou o homem mais feliz do mundo.

O que o radio, porém, não diz, é se foi expedido depois do desastre, mas antes da noticia do salvamento.

Com ela vinha um homem, um aviador, que pilotava o aparelho, que fazia o calculo de navegação, e que não dormia nem nas horas de perigo. Desse nem se fala. Vinha. Também podia vir um cãosinho de luxo.

Ah! é verdade, dizem que Miss Ruth Elder é muito bonita.



O peixe que, depois da guerra, tinha emigrado das canastras das varinas e que, quando aparecia, se fazia pagar a peso d'ouro, como certas artistas teatraes, antes das *vedetas* do cinema lhes fazerem sombra, fez a sua reaparição

solene e estrondosa: deu-se de graça nas ruas da cidade de marmore e granito, como certas mulheres também, quando passam a casa dos quarenta e já não teem graça nenhuma.

Um acontecimento desta natureza, merece registo da historia e do *Sempre Fixe*. A gente não atina bem como isto possa ter succedido, sabido como é que o peixe, mesmo ainda o voador, não vem por seu pé até á meza da cosinha, oferecer-se para o sacrificio.

Se a pescada tivesse por hábito entrar pela porta do alfacinha esfomeado, batendo as barbatanas e clamando: —*compre-me e frite-me pelo amor de Deus*, não estranharíamos nada vela levar um pouco mais longe o seu espirito de abnegação, oferecendo-se para *filetes*, mesmo sem cobrar o preço da sua perdição. Mas a pescada, filha do mar, é enteada da peixeira bem-desnaturada que a vende, e dahi o nosso espanto.

A peixeira não vai buscal-a por *sport*. A peixeira que enche uma canastra, põe á cabeça e corre meia Lisboa com os olhos postos na montra do ourives, sabe bem que, uma canastra de besugos representada, pelo menos, meio palmo do sonhado cordão de ouro em que ha de afogar o pascoco para alogar de inveja a visinha do lado.

Aqui ha grande misterio. Não foi só a abundancia de pescado que fez com que o peixe fosse de graça. Lisboa pode vangloriar-se de que, quando na semana passada, comia peixe de graça, estava trincando as espinhas da varina que lh'o vendeu e ficou mais frita do que o carapau que teve de largar por menos de um conto e duzentos.

Aqui ha coisa. Houve com certeza bruxa ou alma penada nisto tudo, ou então já não ha mais cordões d'ouro nas montras dos ourives.



Quem dá aos pobres, empresta a Deus... E consegue assim que os seus negocios sejam abençoados e marchem ás mil maravilhas.

Assim deve acontecer com a Companhia Moderna de Panificação que ha dias se inaugurou na Povoá de Santa Iria e que destinou a sua primeira fornada de pão aos pobres da terra e aos jornais da capital.

Ao *Sempre Fixe* couberam, na distribuição, 50 saborosos pães que reconhecidamente agradecemos.

## AS GIRLS



No Romantismo

No Realismo

No Futurismo

# PROSA DE CHA VELHO

## Completamente de chavelho

Andam os nomes de muitas regiões e coisas ligados aos dos seus descobridores e inventores, e anda por este mundo muita gente incapaz de descobrir ou inventar a polvora ou a ligação do inventor com a coisa inventada ou do descobridor com a casa descoberta.

Não é novidade para ninguém haver uma ilha de Rhodes que foi descoberta pelo inglês Cecil Rhodes, e todos sabem que Carlos Magno foi o inventor da magnesia e Americo Vesputio o descobridor da America.

Não quer isto dizer que o jornalista Belo Redondo tenha sido o criador do belo em toda a redondeza da terra, nem que neste semanario, por escrever o Alfredo França, se possa afirmar que aqui é que está a França?

Não, não exageremos!

Mas é indiscutível que foi o grande homem de teatro A. Portela que descobriu a Portela do Homem Devemos, porém, esclarecer que o actor Erico, se descobriu Braga, foi por um capado. E não se pode provar, ainda que se queira, que o arquilego Matos tenha chegado a Mato Grosso antes do Ivo Mouforte. Também não foi o empregario da Casa de Garrett, sr. A. da Cunha, o inventor das casas á cunha.

A dificuldade destas e doutras coisas d'ficcis está em distinguir o verdadeiro do ficticio, isto é, a verdade da ftao.

Hay que distinguir!

Porque Miss Ruth tenha feito a recta aerea Nova York-Horta, não passa de aviadora a horticultora, e o sr. Cristovão, por tê-la acompanhado pelo ayres, não deixa de ser o patrono da viação terrestre até á Luz da viação e do Charleston. E se antes do politico sr. Cabeçadas, já se davam cabeçadas politicas, depois do sr. Passos e Sousa acabaram-se os Passos Perdidos.

E se nesta prosa de cha-velho não entram chavelhos, ninguém negará que o peristrilo é completamente do

### Perez la chaise.



—Toma cautela, que se vem ali algum pescador é capaz de te tomar por uma tartaruga.

## A NOVELA DO "FIXE"

# As tres c'róas de Talisca

—Reio de diabos! Aquilo, se não era bruxedo, parecia-ol...

E o Talisca voltou a contar nervosamente: ouma, duas, três, dez, sessenta... Nmo havia duvidas; faltavam-lhe três coróas.

Todos os dias dava pela ausencia de três coróas ao conferir o peculio amealhado—Deus sabe com quantos sacrificios—ao canto da arca centenaria.

Ao começo, o caso nno o preocupou sobromaneira. Mas a continuidade irritava-o, fazia-o praguejar desbragadamente, trazendo revoltas e desesperos á sua alma de avarento e egoista feroz. Era roubado, não havia duvidas. Mas roubado por quem, se na sua casa não entravam estranhos e a chave da arca estava sempre cuidadosamente oculta num buraco da parede da cosinha?

Deu-se a espiar todos os dias, no gesto anticipado de surpreender o gatuno com a bóca na botija. Mas debalde! O dinheiro desaparecia— todos os dias a conta certa das três coróas—sem que o Talisca percebesse a fórma verdadeiramente fantástica do desaparecimento das cédulas. Consultou a mulher, uma fera de maus modos que passava os dias a bichanar rezas, não dispensando nunca a missa d'alva, e teve como resposta uma sarabanda de injurias que o desconcertaram, fazendo-lhe quasi perder a cabeça. E de congeminção em congeminção, chegou ao convencimento de que aquilo eram castigos do Senhor pelos roubos que, diariamente e com a impudência oferecida pelo seu cargo de sacristão, ele, Talisca effectuava na Caixa das Almas, colocada na igreja da sua aldeia. Então, um receio enorme começou de atormentá-lo, queimando-lhe a alma como ferro candente. Lembrava-se do fogo do inferno, dos horrores do tormento para além desta vida, com diabos de cauda viscosa e grandes pontas retorcidas, farandolando á sua volta e espicando-o com tenazes monstruosas, ao som de gargalhadas estridentes, acompanhadas de um estribilho unico:

—Talisca, p'ra que roubaste as almas?! Talisca, és um gatuno porco!

E a verdade é que o sacristão acordava ás vezes sobressaltado e ancioso, de olhos esgazeados, supondo-se nas garras de Satanaz e despertando a consorte nos berros—berros que chamavam uma girandola de blasfemias aos labios da patrãoa que, assim como assim, não adregava de dormir descansada uma noite a fio.

Ora succedeu que, em certa occasião, depois dum pesadelo mais brando, o Talisca notou que no leito conjugal se encontrava vazio o espaço

ocupado pela companheira. Teve uma suspeita atroz, uma desconfiança retalhante. Sentou-se na cama, mãos apertando a cabeça, e, depois de uns instantes de concentração, sorriu da sua duvida.

Infidelidade da mulher? Mas quem seria o animal capaz de cubicar o estafermo da velha, esguia e seca, como um pau de virar tripas? Tolice! Aquilo, ali, andava escandonga, mas nada, com certeza, que fosse ferir os seus direitos de marido. Seltou da cama, sem fazer ruido, e dirigiu-se para a cosinha. Então, os seus olhos espantados lobrigavam o impossivel!

Em camisa, bruxa agaçada dum sabbat, a velha colocava no esconderijo a chave da arca onde o Talisca guardava o peculio, tendo na mão a prova cabal do delito enorme: três cédulas de c'róa, enebadas e porcas, que o Talisca claramente distinguia á luz vacillante da candeia de petroleo.

Ficou estarrecido. Ia soltar uma praga, esboçar um gesto p'ra se atirar á velha e estrangulá-la, mas, pensando melhor, recolheu á cama com as mesmas precauções empregadas na saída, fazendo a si proprio a promessa de descobrir o destino dado pela patrãoa ao seu rico dinheirinho.

Instantes volvidos, a velha regressava ao talamo; e o Talisca imitava as variações de um baixo profundo, no seu resonar fingido, do olho meio aberto, seguindo os propositos da companheira.

\* \* \*

Pela manhãzinha, quando o sol era ainda uma vaga promessa no firmamento azul, o Talisca e a mulher levantaram-se e tomaram, como todos os dias, o caminho da igreja.

No adro, o abade catarrava, rosmando os bons dias ás devotas embiocadas.

Pitou o sino pela terceira vez. E, quando o Talisca dispunha no altarmór o prato das galhetas, lobrigou, sem ser visto, a consorte metendo pelo buraco da Caixa das Almas as três c'róas surripadas.

Compreendeu tudo. Um sorriso de satisfação espalhou-se pelo rosto, carancudo desde que se erguera. E, missa terminada, depois da retirada de todos, o Talisca, cumprindo a tarefa costumada de despejar, em seu proveito, a Caixa das esmolas, ia pensando com os seus botões:

—Ladrão que rouba a ladrão...

E nunca mais teve pesadelos, nem visões dantescas do inferno.

Arco de Valdevez, 1927.

Jorge de Refolos.

# Bric-á-Brac

## Conselhos ao velho mar

Como timidas pombas friorentas,  
Todas abalam co'as primeiras chuvas;  
E envoltas em pelissas opulentas,  
Abrem as azas p'las manhãs cinzentas,  
Vão, pelo espaço, abotoando as luvas...  
E tão saudoso delas fica o mar,  
Que do imo do peito um grito aranca,  
E se fica baixinho a soluçar,  
Enquanto que da onda a espuma branca  
Se agita como um lenço inda a acenar...  
E as pombas de *fourrure* de zibelina,  
Despedem-se a sorrir do velho Oceano,  
Tendo a coquetterie bem feminina,  
De acenarem co'as gazes de neblina,  
A gritar:—«Té p'r'ó ano! Até p'r'ó ano!»  
E todo o chilreante bando alado,  
A' hora do sol-pôr, das cinco ás sete,  
Vem pousar sóbre as pedras do Chiado,  
P'ra molhar o seu bico perfumado  
No perfumado chá que ha na Garrett.  
E então não tens por ti, ó velho Oceano,  
Um peito só que uma sandade esconda;  
Porque o seu coração é tão leviano  
Que entre este falso sentimento humano,  
A mulher é mais perfida que a onda! (\*)  
Não contes, pobre Mar, co'o compromisso  
Duma Senhora autentica da Alta,  
Cujo doce sorriso é tão postiço  
Que nos promete tudo, e a tudo falta!  
—E olha que eu sei alguma coisa disso!—  
Meu pobre e velho Mar, atenta o crê  
Que nos enredam em paixões fatais,  
E que a gente depois não mais as vê!  
—E são da Alta não sei bem porquê,  
Porque é na Baixa que as encontro mais!

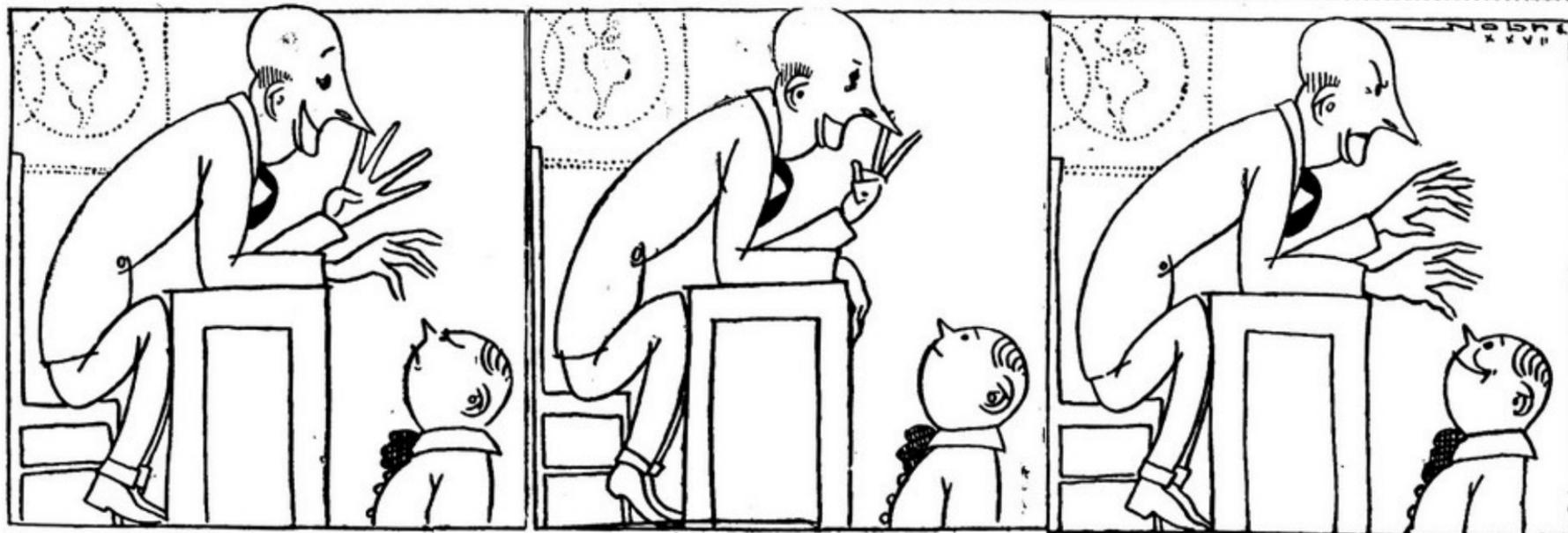
João Fernandes.

(\*) Quando desta ideia a essencia  
Em Shakespeare se encontre,  
Lembremos com que frequencia  
Les beaux esprits se roucotent...

J. F.



—Não estejas a olhar para aqueles idiotas, que não tiram os olhos de ti.  
—Mas eu não olho, mamã.  
—Ai, não, se não olhasses tambem eles não olhavam. Vê lá se eles olham para mim.



— O menino Rui tem quatro laranjas. Ora dê-me duas. Com quantas fica? Com duas, não é verdade?  
— Não, senhor!

— Agora dê-me as outras duas. Com quantas fica? Sem nenhuma, não é verdade?  
— Não, senhor!

— Como assim? Pois não é verdade?!  
— Não, senhor, porque eu não lh'as dou...



### Esperesa salaia

Na estação do Rossio, incorpora-se na bicha um salaio, esperando complacientemente a vez de chegar ao *quichet*. A ele chegado, pergunta:

—Qual é o preço do bilhete mais barato para ir para o Porto?

—O bilhete mais barato—responde a empregada—é em terceira classe e custa oitenta e sete escudos.

—Mas não ha mais barato?

—Não, senhor!

—Então toda a gente que queira ir ao Porto tem de gastar oitenta e sete escudos?

—Tem sim, senhor, excepto quem queira bilhete de ida e volta, que fica mais barato sete escudos por passagem e sai, portanto, por oitenta cada um.

O salaio pensa um bocado, como quem está a fazer contas, e conclue:

—Então dê-me um desses de ida e volta.

Recebe o bilhete, paga cento e oitenta escudos e, com ar de grande satisfação, sobe a correr as escadas que o levam á *gate*, onde uns amigos o esperam para se despedirem. Distribue abraços a um e a outro, enquanto vai recebendo numeros recados para a terra, mas a pressa com que o faz admira os companheiros, que o admoestam pela pressa de que está possuido, quando ainda não a hora da partida. Mas o salaio acode logo:

—Sabem, vocês, eu estou mas é com pressa de me meter no comboio, porque acabei de intrujar a empregada da bilheteira e tenho medo de que ela dê por isso...

—Intrujaste, como? — perguntam eles em coro.

—Ora como?—responde o salaio—Calculem vocês que ela vendeu-me um bilhete de ida e volta, por oitenta escudos e a viagem, quando eles custam oitenta e sete, mas o que eu não sabe é que eu não volto...

### TEATRO BAIRRISTA

# Rua da Palma E Terreiro do Paço

Foi ali, na Brasileira do Chiado, onde, ao contrario do que se supõe, abundam os que se julgam jornalistas e os que se supõem escritores, e escasseiam os que, de facto, se dedicam, com talento ou sem ele, com proficuidade e mesmo sem ela, á cultura do periodismo e da literatura, que nos relacionámos com o sr. Julio Vieira, um grande jornalista por revelar e um homem de letras que, infelizmente, carece de demonstração.

Friido, irrago e em continuo emagrecimento, severa e teatralmente encauado numa andaina negra, converso, com estranha lucidez, fazendo gestos nervosos e enigmaticos, sem desviar dos interlocutores seus olhos negros, de profundas scintilancias e de uma mobilidade inquietante e significativa. Tem sempre muitas ideias, vastas concepções, grandes projectos delineados com insufficiente clareza, mas na apparencia, duma solida realidade... verbalista. Dotado dum grande poder de expressão, sua conversa revela neie, habitualmente, um demônio e um desdenhoso.

Ha dias, discretou, largamente, sobre o futuro do teatro português. Começou por negá-lo em frases de largo efeito, accentuando que os actores só representavam peças francezas, com cabeleiras doiradas, vestidos duma elegancia suspeita, o que lhes dava uns ares de *francius* traduzidos pelo horrivel gosto estetico da rua das Atougas. Esquecendo-se de que o tinha negado, começou, sem tomar folego e com energia redobrada, a pintar de negras cores a sua reconhecida decadencia e, quasi genial na sua incoerencia, rematou:

—O teatro português é muito diferente do francês, do espanhol e mesmo do italiano.

—E' diferente... porque não existe.

Furtilizado o curto sorriso que esta sua *boulade* nos provocou, replicámos-lhe, numa especie de desmentido ligeiro e amavel, que, ultimamente, tem sido em grande numero os originaes portugueses representados com bisonheiro exito de bilheteira e até com relativo merito dramatico.

Julio Vieira, que não suporta a mais ligeira discordancia das suas opiniões, protestou ruidosamente:

—Tem-se desenhado varias tentativas de teatro bairrista, o mais restrito de todos os generos de teatro, incluindo o regionalista. Houve a *Mouraria*, cuja personagem principal tinha a psicologia dum disco de gramophone; a *Modragão*, que nem sequer cheirava a peixe, interpretada por Ester Leão, que só respira *Aurigan City*, ha o *Arco do Ugo*, que se passa em toda a parte, incluindo a California, menos na rua que lhe serve de titulo. Do *Bairro Alto* não falo senão para accentuar que, sendo, mais do que julga, o bairro da imprensa, esta não aparece nele e ainda, talvez por ironia, os seus personagens não tinham gramatica; e, quanto ao *Caracol da Graça*, que se anuncia para breve, não duvido que a sua acção decorra na ilha de Ceilão, por exemplo.

A verdadeira peça bairrista, com um largo sentido humano, se eu a quizesse fazer...

—Como se intitularia?

—*Rua da Palma—tout court*.

Mas, a rua da Palma não é um bairro—objectámos.

—E' mais do que um bairro da cidade; é o bairro simbolico da vida humana que, como sabe, oscila entre os polos de voluptuosidade e a de morte.

—Para a voluptuosidade?

—Como sabe, ela é caminho quasi obrigatorio para o hospital do Des-terro.

—E para a morte?

—O Necrotério está a dois passos. Ha, porém, outra peça bairrista a fazer.

—Que se chamaria...

—*Terreiro do Paço*. A acção passar-se-hia na Rotunda.

Não incitámos o grande jornalista, o illustre literato, a escrevê-la, por sabermos de antemão que as suas peças vivem o curto espaço de tempo que ele leva a escorropichar o café das minusculas chavenas da *Brasileira*...

**Cristiano Lima.**

## Elevador da Gloria

Ruth Elder é uma mulher fatal. Casou duas vezes e divorciou-se outras tantas. Propôs-se a atravessar o Atlantico mas, quando chegou aos Açores, o aparelho arrependeu-se e caiu ao mar, talvez indignado com o que se passava a bordo, longe das barbas do terceiro marido...

Chegada ao Funchal, Ruth Elder mete-se num gazolina e dirige-se para terra. O gazolina, porém, recusa-se a cumprir o seu dever. Tem uma *panne* e por um pouco que não perdia o vapor que trouxe a aviadora a Lisboa.

Entra o *Lima* no Tejo. No cais, a algazarra e a voracidade da multidão não conhecem limites: quer contactos.

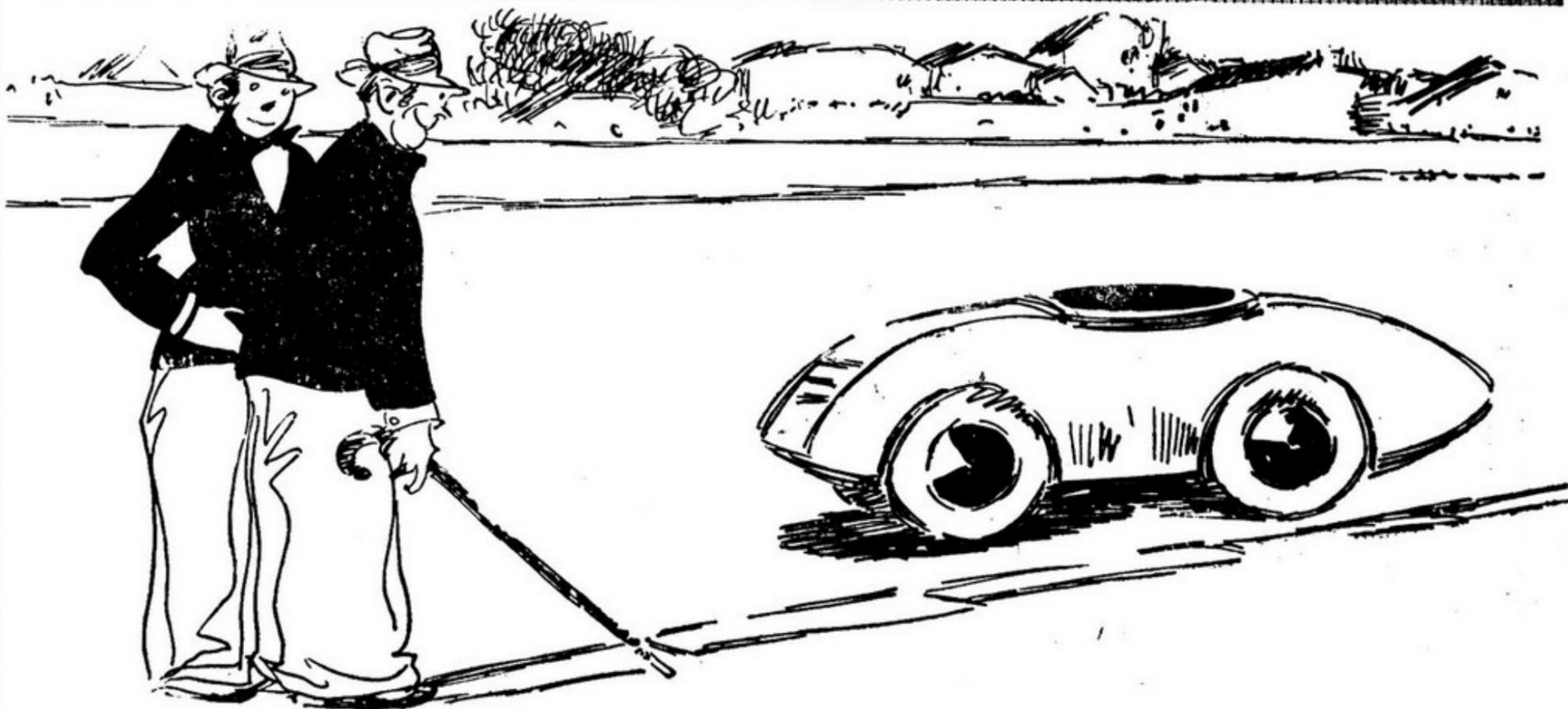
Quando foi da *Miss Portugal*, os portuenses provaram que não ha nada melhor do que apalpar para reconhecer a boa qualidade da fazenda. Miss Ruth desembarcou e tem a terceira *panne* da sua viagem. Todos querem vêr se a mulher vestida de homem é *sim* ou *não*. A «pequena diferença», tão discutida pelos ingleses, é calorosamente ovacionada. Com tanto calor que se constipa. Questões do clima.

Um dia depois, vóa para Madrid. Ruth Elder dança o *Charleston*—e o avião tem uma *panne* num dos motores, que o ia levando direitinho para o outro mundo. Não foi: foi parar a Madrid e já está em Paris.

Como lêem, Miss Ruth não é uma mulher: é um cataclismo. Nada quando devia voar; divorcia-se quando devia casar; constipa-se quando o calor aperta. Será por isso que ela tantas vezes va' ao ar?



—Quer que lhe ponha alguma coisa na cabeça?  
—O chapéu, que estou com pressa.



—Em que se parecem aqueles automoveis com o sr. Cunha Leal?  
—Ora, em que nunca se sabe para que lado estão voltados.

# BOM HUMOR

—Não me poderás emprestar dez escudos?  
—Não! Como é que tu adivinhaste?

\*\*\*

No quartel, a sentinela:  
—Alto! Quem vem lá?  
—O oficial de dia!  
—Para trás ou atiro! De dia, depois da meia noite?...

\*\*\*

A lavadeira:  
—Não quero lavar mais roupa para a senhora.  
—Porquê?  
—Porque a sua roupa não serve a ninguém da minha família...

\*\*\*

—Vês aquela mulher que ali vai...  
—Bem sei! E' das suas relações.  
—Enganas-te, filho! E' mas é das minhas relações.

\*\*\*

No restaurant:  
—Criado, como é que você pôs na conta três sopas, quando só comemos duas?  
—O senhor esquece a que entornei no vestido da sua senhora...

\*\*\*

No consultorio:  
—Respire profundamente e diga três vezes trinta e três...  
—Noventa e nove...

\*\*\*

Entre amigas:  
—Quando o meu pai morreu, não devia um vintem a ninguém.  
—Que pessimo momento ele escolheu para morrer...

\*\*\*

—Joanito! Estás a pedir a Deus perdão das tuas crueldades?  
—Não, mamã. Estou a pedir-lho uma bicicleta. Seria bom que começasses desde já a fazer as tuas economias...

\*\*\*

Na fabrica:  
—Então o patrão despediu Jorge porque ele bebia?  
—Como é que ele o soube?  
—Porque Jorge caiu dum sexto andar sem ficar ferido...

**GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da**  
A unica que possui melhores acomodações a preços reduzidos  
**Venda de oleos, gasolina e accessorios**  
Officinas para todas as reparações  
**Rua Visconde de Santarem, G. E. U.**  
ao Anco do Cego Tel. 294 N.



—Que vai o senhor fazer com a minha escova de dentes?  
—Caramba, você parece que julga que eu vou comê-la! Vou lavar os dentes. Que julgava o senhor que eu ia fazer?!

## TODOS AO MESMO

# Mulheres de hoje... Homens de sempre...

Esta no seu fim a época dos banhos e vem por isso a proposito um caso passado este ano, numa das mais interessantes praias dos arredores de Lisboa.

Dois amigos inseparaveis foram cer-



to dia direitos á praia, a fim de tomar o banho habitual. Um deles era calado, tímido quasi, e differia em quasi tudo do companheiro. Este era arrogante, audacioso, atrevido por vezes, falador por habito e conquistador por vicio.

Antes de se dirigirem ao banheiro, passaram, conversando descuidadamente pela praia, e breve lhes chamou a atenção uma dama que precisamente nesse momento saía da agua, se envolvia numa elegantissima capa e se dirigia para a barraca.

Para o mais tímido dos dois amigos, a aparição foi—uma mulher que passou. Para o outro foi—um deslumbramento. De facto, a dama em questão era de tal merecedora.

Descrevê-la, para quê? As mulheres bonitas são, de resto, quasi sempre iguais. —Morena ou loura, alta ou baixa, olhos azues ou pretos, será sempre uma mulher formosa. Pode variar o tipo de beleza, mas, como os goetas tambem diferem, persiste, para mim, a opinião acima.

Voltemos, porém, ao effeito produzido, no mais atiradico dos dois rapazes, pela dama, que nessa altura entrava na barraca. Uma ideia rapida, momentanea, lhe passou pelo cerebro: —«Quem pudesse vêr aquella mulher divina em completa nudez!...»

Esta ideia, que foi de principio um

da dama; o outro na seguinte. Estava, como se poderia comparar, entre o bom e o mau ladrão...

Assim que se encontrou na barraca, antes mesmo de se despir para o banho, o nosso homem, rapido em todas as suas decisões, procurou em vão na parede uma fresta a que adaptasse o olhar. Como a não visse, procurou pelo chão e em breve se abaixava a apanhar um daqueles enormes pregos que são, nas praias, o entretenimento de muita gente.

Encostá-lo ao tabique e começar o trabalho foi um segundo.

Entretanto, pensava: —«Como nós, os homens, somos maus! Mal sonhará aquella criatura indefesa, que ali tranquilamente se despe, que o meu olhar cubitoso e profano vai distintamente observar a sua estonteante nudez!»

E furando, furando, acabou por conseguir o almejado orificio.

Antes de olhar, como que tocado pelo remorso, pensou ainda:

—«Como nós, os homens, somos maus!»

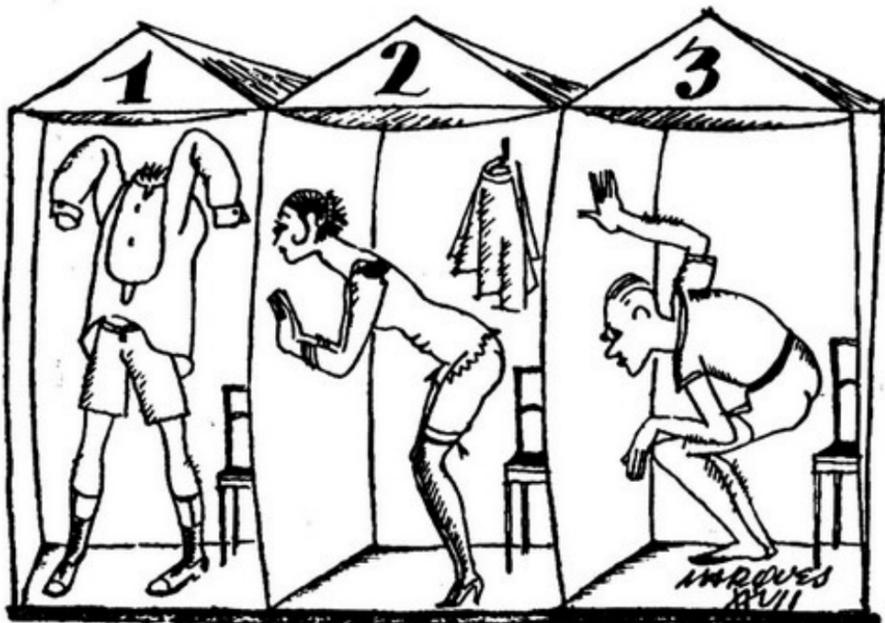
Adaptou o olhar ao buraco e ficou estupefacto. O que vira?

A dama, que ainda se não despir, sentára-se num banco e, por qualquer



buraco aberto, espreitava, interessadissima, para a barraca onde o amigo dele tranquilamente se despia...

Passou-lhe pela cabeça o seu ultimo pensamento: —«Como nós, os homens, somos maus!» Teve um sorriso, que seria difficil definir, e começou-se a despir lentamente, tendo antes o



desejo, tinha, em breve, que se transformar numa certeza. De facto, o Destino, que tudo pode, fez com que o banheiro (por coincidência, é claro...) collocasse os dois amigos da seguinte fórma: um na barraca antes

de tapar com um papel o orificio aberto... não fôsse a vizinha capaz de se lembrar de olhar para o lado dele...

Anibal Nazaré.



No Tivoli, Pedro, o Corsario, trans porta-nos de caravela até á Italia, para assistirmos a uma historia do seculo XIII, bem melhor que os folhetins do Seculo.

Pedro é Paulo... Richter, que, depois dos Niebelungen, foi promovido a cabo... de corsarios e anda com divisas nos braços e nas pernas. Começa por salvar o Salvador, que é o Klein-Roger, e acaba por cortar as unhas á esparhola, novo processo de manicura, á Juana, que é a Audo Egde-Nissen.

O motivo de semelhante atrocidade resume-se em poucas linhas:

A Juana tinha-se engatado ao Salvador, á vista de Barcelona. Membro da S. P. A., travou-se de protecções com um gato, côr de ágata, que ainda gatinhava. O dito gato, pertencente a um deita-gatos, não tocava piano mas falava espanhol, além de outras prondas que não deviam ser para desprezar. Juana debaixo da cama o tinha ou, então, como a Maria Cachucha, dormia com ele, sem que o bichano lhe arranhasse a rima. Mas ali é que estava o gato porque, quando o Pedro lhe começou a fazer gatafunhes, foi o gato quem pagou com lingua de... gato e quem mostrou ao Salvador que ali andava gato ou gatinice. E' caso para perguntar a mestre Arthur Robinson: —«O mestre, onde está o gato?»

O melhor da fita é quando os dois protagonistas andam nus... com uma faca na algebeira.

Ciúme não é uma adaptação cinematografica do fado do dito, mas variações de Karl Grune sobre um eterno tema. Lya de Putti, muito desfavorecida, favoreceu com os seus favores matrimoniais o Werner Kraus, o chamado amor sem pestanas. O George Alexander arma uma grande intriga, que leva o Kraus a julgar que existe um filho da Putti. Nós, que fomos freguezes da sua salsicharia, melhor do que ninguém compreendemos o seu desgosto.

O Odéon continua na maré do Mare Nostrum. Saiu-lhe a taluda.

O Politeama, como já não ha fitas do Nascimento Fernandes, viu-se na branda necessidade de exhibir Francesca Bertini, absolutamente confortavel, com todos os aperfeiçoamentos modernos, incluindo aquecimento central e pieguice encanada. A fita chamava-se La Fia de Monte-Carlo, que os actores, em crise, como os intostinófilos de Cakelas podem traduzir para Acabou-se a papa doce. Depois tivemos a super-pepineira da adaptatçõssissima de Os Três Mosqueteiros, em que Fred Niblo, de colaboração com o Douglas Fairbanks e a Margueritte de la Motte...ciclétte, faltou ao respeito ás falecidas cãs do Dumas Pai. Nunca mais me esqueço aquele Richelieu esfomeado, num gabinete com porta para a escada...

Mas todo tem as suas compensações, pois O Barqueiro do Volga é do melhor que o Zé Cinéfilo pode vêr, tanto mais que, mesmo arregalando muito os olhos, não encontramos vestígios de propaganda bolchevikaquista, que fez proibir o filme nalguns países. William Boyd, Elinor Fair, Victor Vareoni e Robert Edson, respectivamente em Feodor, Vera, Dimitri e Nikita, representam admiravelmente, ao desafio.

O Olimpia voltou aos interminaveis. Como Rascasse cheirava a rasquice, orismaram-no para Sansão. O Capitão Sansão é um rapagão que não faz do! do! mas que é valentão como os que o são. Que o diga o O'Donnell, se ele o é ou não. Gabriel Gabrio fez um pasticho de Maciste, o que é para lamentar num tam bom actor. Claude Merelle formou-se em ostracologia e os outros notabilizam-se na pesca do aguardente em aguas turvas.

Durante o filme, a orquestra deliciosa com peças tais como a Sinfonia das Ostras, um pot-très-pourri de Faust...ino, a acompanhar um foxtrot e outros trechos tam escolhidos como os fadunchos gramofonicos do intervalo, em que é permitida a permanencia no bufete, sem que ninguém se consuma com as consumações (sic).

Retardador.

## CANÇÃO NACIONAL

## Os três tons da guitarra

Tem três tons bem conhecidos  
a guitarra portuguesa,  
que o Zé Povo, com tristezas,  
acompanha em seus gemidos.

Mestre Afonso foi patrão  
que marcou como o melhor,  
mas, n'actual situação,  
E' tom menor!...

Hoje o tacho já não pia,  
partiu-se, foi p'r'ó maior,  
que a marmita neste dia  
E' tom maior!...

Um fulano anda no giro  
das ruas da capital.  
Ouve na Rotunda um tiro?...  
E' natural!...

O pão que vende o pedreiro  
vai de mal para pior,  
porque o amigo moageiro  
E' tom maior!...

Os desfalques nesta terra  
já não se contam de cór  
e o Zé Povinho, se berra,  
E' tom menor!...

Baixa a libra, sobe o escudo,  
ha papel, não ha metal...  
Ninguém 'stranhe este canudo.  
E' natural!...

Zé, não faças caramunhas  
nem protestes com algazarra,  
que quem tiver melhor's unhas  
é que toca bem guitarra.

Reporter B.

## CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3301

Magníficos almoços á Francaza  
JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Esplendido caté

Escolhida frequencia

## AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

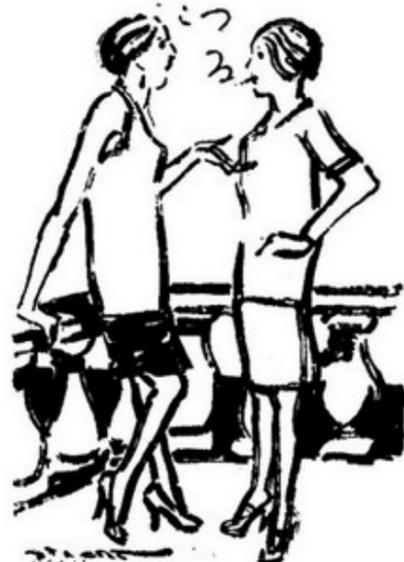
Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582) á Estafania)

Linguagem da alta... moda



—Jogas hoje no Casino?  
—Não, filha, estou tesa, mas se ela  
não me empresta amanhã duas do  
com, escusa de vir com vigários por-  
que leva uma grande tampada.

## INDUSTRIA NACIONAL

## UMA GRANDE FITA

Corre agora uma fita, das faladas,  
que deve dar muito que falar. Desta  
vez é que é certo: vamos ter indus-  
tria cinematografica em Portugal!  
Pelo menos, é isso o que se garante.

Seguindo o exemplo do papá-Dia-  
rio de Lisboa, entrevistámos alguém  
da «Oporto Film Company, Ltd.»

—Então, sempre é certo?

—Certissimo! O cavalheiro não viu  
o programa? Pois basta ler o crér, co-  
mo S. Tomé.

—Perdão: o santo dizia ver...

—Isso são boatos; ler, ler é que é.

—Porque deram á Companhia um  
nome inglês?

—Por patriotismo! Pois porque ha-  
via de ser? Além disso, se nós lhe  
chamássemos Companhia Cinematogra-  
fica do Porto, ou coisa que o valha,  
eram capazes de julgar que se trata-  
va duma empresa brasileira; assim,  
não pode haver a mais ligeira du-  
vida.

—As iniciais são promotoras...

—Já reparou? O. F. C. L... O' Fi-  
lhos Comam Lá esta... Mas também  
podem ser de mau agoiro: Outra Fita  
Completamente Lograda...

—O programa é grandioso...

—E o senhor ainda não sabe tudo.  
Imagine: além das ninharias anun-  
ciadas, que realizamos apenas a títu-  
lo de ensaio, temos como certas as fil-  
magens de duas Historias de Portu-  
gal, a de Alexandre Herculano e a  
de Pinheiro Chagas, e dos Lusíadas  
de Luís de Camões.

—Mas isso deslumbra!...

—E' como canta. Basta dizer que  
os episódios na Ilha dos Amores serão  
filmados, ao natural, na Ilha dos Ga-  
legos e que o principal interprete é

a Torre de Belem que, como deve sa-  
ber, é autentica.

—O pior é o gazometro...

—Já pensámos nisso. Se fallarem  
umas experiencias de caches que, bre-  
vemente, vão realizar os nossos tecni-  
cos, tencionamos comprar a Compa-  
nhia do Gaz e demolí-lo. A não ser  
que o sr. D. Pita Morgado nos des-  
cubra um documento provando que o  
gazometro é de origem quinhentista...

—O que diz á réplica da Hercules  
Film Lim?

—Inveja, meu amigo, inveja pura.  
Trabalho de Hercules é o que nós va-  
mos realizar, libertando o país da  
rotina apática em que... (por falta  
de espaço, omitimos, pensamente, a  
tirada de S. Ex.ª).

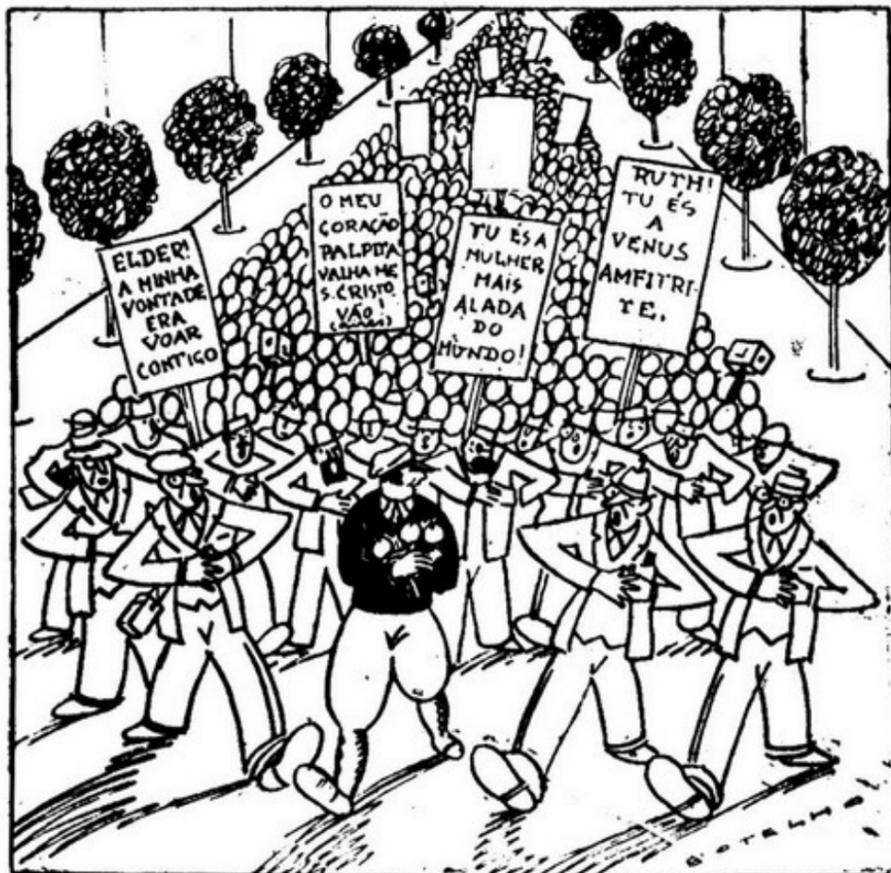
—Mas falou-se em monopólio...

—Intriga, meu amigo, intriga pu-  
ra. E' claro que as empresas são tam  
anti-patrioticas que, se nos apresen-  
tássemos com armas iguais ao lado  
das concorrentes estrangeiras, corria-  
mos o risco de vêr fracassada a nossa  
alta missão. E, depois, as nossas pro-  
duções podem não ser lá grande coi-  
sa... á primeira vista. E' preciso as-  
sugar certas vantagens... um exclusi-  
vismo de importação... inofensivo...  
absolutamente inofensivo...

—Mas, se o publico ficasse lesado,  
artística e materialmente, isso seria  
uma super-pouca-vergonha?...

—Eu lhe digo: O meu caro senhor  
viu o Santos Carvalho naquela rábula,  
tam engraçada, em que ele dizia as-  
sim: «Porcaria?... Pouca vergonha?...  
E então? Se a porcaria é nossa! Se  
a pouca vergonha é nossa!... Muito  
nossa;...» Pois então ahi tem.

## Lei das compensações



Ela não fazia "declarações" aos Jornalistas...  
porque eles é que lh'as faziam a ela...

## A QUESTÃO DO TRANSITO

ATROPELAR  
e ser atropelado...

A regulamentação do transito tem  
dado agua pela barba ao sr. Ferreira  
do Amaral; são três mil microbios  
por metro cubico a ensaboar-lhe o ju-  
zo. O transito que vai desaguar na  
rua do Arsenal pôs-lhe a cabeça em  
agua e o publico continua muito sui-  
ramente em aguas... de bacalhau.

Pretendeu-se descongestionar o mo-  
vimento, distribuindo os veiculos con-  
forme a sua categoria e o seu pezo, e  
para isso apitou-se, fizeram-se gestos  
largos nas ruas mais estreitas, meteu-  
se o Rossio na Betesga, multou-se e  
até se prendeu.

Primeiro eram os taxis que atrope-  
lavam as pessoas; agora são as pes-  
soas que atropelam os taxis...

A confusão aumenta com o numero  
dos policas sinaleiros, que continuam  
a pau... com o serviço, e os peões  
dançam á roda de si mesmo, á espera  
que os automoveis se atropelem.

Entretanto, os electricos vão para  
cima das carroças e dos camions que,  
por sua vez, se chocam muito delica-  
damente entre si e entre nós, os que  
passamos descuidados.

E, além destes pequenos incidentes,  
temos ainda os automoveis sem fren-  
te nem costas, sem pés nem cabeça,  
aqueles automoveis de andar por casa,  
que não são *cabriolets* nem *limousines*,  
na triste condição de serem pisados  
nos calos, pois basta que um sujeito  
se distraia ao atravessar a rua, para  
mandar em perigo de vida, para o  
hospital, um *Honomag*, ou maltratar  
um *Citroën bébé*...

E a policia, em face disto, o pau no  
ar e o pé atrás, faz uma reverencia  
á Luis XV aos automoveis que pas-  
sam de seguida para dar passagem a  
duas pessoas, meia e três quartos de  
outra, ou seja, mais explicitamente,  
dois transeuntes vacinados, um menor  
não vacinado e outro de colo que ain-  
da chuche... da policia...

Mas tudo se resolve pelo melhor.  
Dizem por ahi que o arsenal vai para  
a Outra Banda, que os automoveis  
circularão pela direita, os camions  
pela esquerda, os electricos pelo cen-  
tro, as carroças entre o centro e a  
direita e que, finalmente, os peões  
vão passar a andar por casa...

Vaseo de Matos Sequeira.

## Ditos populares ilustrados



—Oh! patego, olha o balão.



# "Fiat" na virgem... e verás o "Tumb" que "Lewis"

A nossa ultima reportagem do Salon automobilista de Paris parece ter obtido mais sucesso do que a do *Diario de Noticias*.

Visto isso, e visto o grande hebdomadario ter prosseguido na publicação das muito extraordinarias cronicas sobre o que havia no *Grand Palais*, resolvemos continuar seguindo-lhe as pisadas. Comprámos a *Automobilia* e a *Omnia*. Mandámos vir a *Vie Automobile*. E passámos os olhos pela *Astra*, por *L'Auto* e pela *Illustration*.

E vamos a isto:

PARIS, tantos de tal. — Fiz hoje uma demorada visita ao Grand Palais. No bufete tive occasião de tomár varias bebidas e esplendidos conhecimentos tecnicos. Junta-se ali uma rapaziada escolhida. Apareceram o *Amicar*, o *Jordan*, o *Benjamin* e a *Mincra*, que eu não sabia que ainda era viva.

O meu *Voisin* da direita era um *Messier* desconhecido, de chapéu de côco e sem molas. A' esquerda: a *Mercedes*—uma matrona alambazada, com o vicio das compressões. Tratei logo de lhe apalpar os cilindros, mas sem qualquer má intenção.

Como diz o Castelo Mendo:

—*Rally soit qui mal y pança...*

Quando me levantava, appareceu o Sebastião Teles, de escapo livre, com cara de *Reo* e berrando:

—*Isto é Unie!* Sendo eu representante do *Renault*, obrigam-me a *Packard* a entrada!

Lá diz o ditado:

—*Fiat na Virgem. Não Corre, e verás o Tumb que Lewis.*

Dei uma volta pela exposição.

Fartei-me de andar á roda do *Erskine* de ouro. Aquilo é que me convinha a *Panhard*...

Ainda perguntei a um director se ele me não podia *Donnet* uma lasquinha... O homem julgou que eu era *Muthis* e não foi no *Ballot*.

D'se-me mesmo:

—*Tracta de desandar daqui, se não queres ficar com um La Licorne a menos...*

\*\*\*

Admirei muito um carro italiano,

especial para ganhar corridas. Enquanto os automoveis adversarios só teem o az que os conduz, com aquele joga-se com az e *I...sotta*. E ainda tem um *Fraschini* suplementar...

O *Jean Gras* está cada vez mais *Magre*. Não *Scap* da tuberculose...

\*\*\*

Só vi no *Salon* uma marca que se

impõe inogavelmente. E' o *H. P.*

Ha, de facto, mil e duzentos expositores. Mas, em todos eles, o motor é sempre da marca *H. P.*

De resto, a aspiração que eu trouxe do *Grand Palais* foi a de que os organizadores me dessem o conteúdo.

Fazia logo *Ansaldo* e acabava de vez com a minha *Chrysler* financeira.

João Ramos, apesar de andar sempre com o *Chico* toiro entupido, lá conseguiu andar *Ausburn*.

\*\*\*

No terceiro domingo do campeonato de *foot-ball* de Lisboa, o *Benfica* fez beneficio. 8 goals a 0!!! Ao pobre do *goal-keeper* imperial até lhe caiu o cabelo todo!

Os *electricos* de *Santo Amaro* atropelaram o *Casa Pia*, que recolheu sem fala ao hospital da Condessa do Rio.

O *Bom Sucesso-Sporting* saiu um *abôrto*. Suspeita-se de que o *Virgilio* da *Fonseca* introduziu nos *leões* o uso das *Velas d'Herbon*. O *Bom Sucesso* vai apresentar queixa á policia dos costumes.

\*\*\*

Do desafio *Belenenses-Carcavelinhos*, o mais notavel foi... a critica do *Seculo*.

Diz o cronista:

«O *Belenenses* merecia ter ganho pela diferença dum goal», pelo menos. Um 2-0 teria premiado com justiça o seu trabalho.»

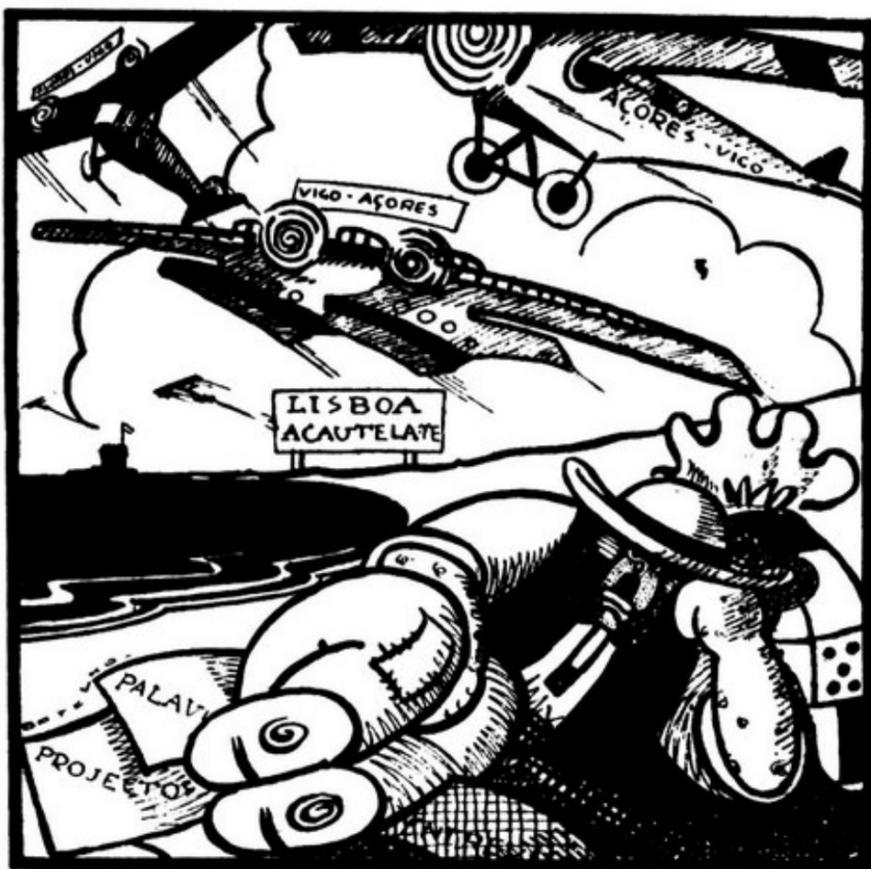
Mais abaixo, lê-se:

«Mas, cingindo-nos ao mesmo tempo ao rigor dos numeros e dos preceitos do jogo, a vitoria do *Carcavelinhos*, embora imerecida, podia-se ter verificado se a bola do *desempate* tem sido invalidada, com devia tê-lo sido. *Marques* estava nitidamente *off-sides* quando se apossou do esferico.»

Mas que grande jogador de dominó...!

Rebola-A-Bola.

## ACORDA...



### Porque o futuro de Portugal está noir

## !! Não queira ficar assim !!

### USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8000

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

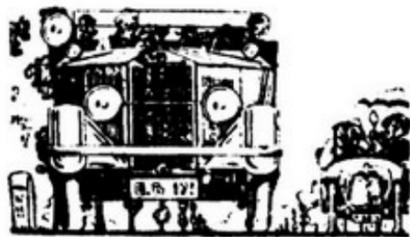
R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa



## Humorismo no estrangeiro



—A menina sabe taquigrafia?  
—Não, senhor. Taquigrafia não sei, mas danço muito bem o *charleston*.



A esposa furiosa:  
—Ponha-se já no meio da rua e que eu não torne a vêr essa maldita bicicleta em casa.



—Pst, pst, oiçam lá: os senhores poderiam fazer o favor de nos emprestar uma das suas rodas de sobresselente?



—Que delicados, os criados. Acompanham-nos á porta e estendem a mão.  
—E' a força do habito. Aqui chove muito...

# Ingenuos e Ingenuas



—Um grande desgosto, Chico, o padeiro enganou a nossa criada.  
—Mas que infeliz que é essa rapariga. Já é a quarta vez que isso lhe succede.



—A prima não será capaz de me explicar o que vem a ser «flirt»?  
—Deixa sair o meu marido que eu já te explico.

## Cada um sabe de si...



—Dava tudo para ser esse chá...  
—Se você fôsse chá, eu daria tudo para ter um laxante à mão.



O medico—Vou já para Lisboa, porque se me demoro mais, quando lá chego já os doentes estão todos curados.